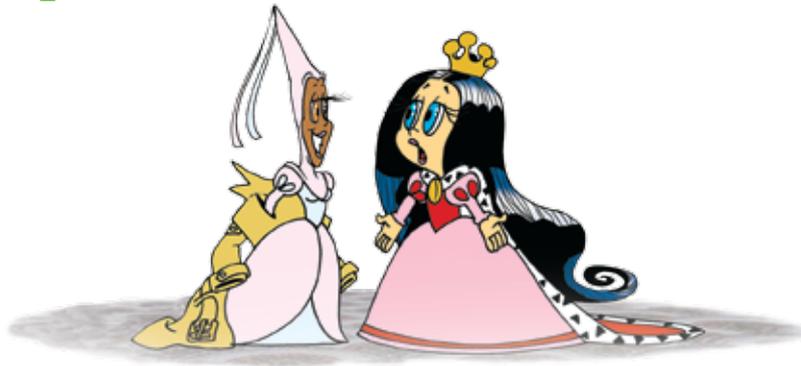




Discussão 11

A importância da literatura infantil



No Capítulo 11 da História do Pequeno Reino

A Fada introduz os livros infantis no castelo e ela e a Rainha discutem a importância de contar e de inventar histórias com os pequenos Súditos e pequenas Súditas, de escrever as suas palavras favoritas, de criar um ambiente em que a imaginação se torna a maior aliada do processo de alfabetização.



Nas últimas quatro discussões, falamos bastante sobre os passeios e sobre os contatos com a comunidade. Mas agora chegamos ao ponto em que, na História do Pequeno Reino, as chuvas torrenciais impedem a Rainha de tirar os pequenos Súditos do castelo. Por isso, na história e nas discussões, começamos a ver ideias para enriquecer as experiências infantis mesmo sem sair da sala. A literatura infantil, brevemente discutida aqui, aparece como um recurso educativo fundamental, e isso é válido para todas as idades e para todos os perfis de crianças que frequentam centros de educação de todos os tipos.



Ideias e Sugestões

Começamos com uma sugestão simples, mas que pode ter uma importância enorme para a educação das crianças.



Contar histórias, a mais especial das atividades

Contar e ouvir histórias é algo quase instintivo para os homens. Todos nós adoramos uma boa história. O hábito de ouvir histórias pode ser desenvolvido até com crianças muito pequenas, e existem mães e educadoras que contam histórias até mesmo para bebês, usando muito os gestos e o tom de voz para transmitir as emoções.

Um pouco de teoria: a importância da "voz"

Até crianças de poucos meses já começam a se interessar quando adultos contam histórias para elas e, mesmo que não entendam ainda quase nada, sentem o prazer das palavras, descobrem sonoridades, alimentam suas experiências prazerosas com a linguagem oral. Como diz o analista corporal francês André Lapierre (1923-2008):

Por volta dos dois a três anos, a voz vai se tornar progressivamente linguagem, mas para a criança pequena, ela é no início tonalidade, vibração do corpo, de seu corpo e do corpo de outro; tonalidade e vibrações que exprimem as tensões emocionais e afetivas. O ritmo da voz é o equivalente do acalanto, pode recriar um acordo tônico à distância.¹

De "simples" receptoras de linguagem, as crianças vão passar – se o ambiente for rico em linguagem – a uma atividade cada vez maior, experimentando novas combinações, balbuciando coisas "sem sentido", repetindo sozinhas trechos de conversas com os outros, aprendendo novos significados para palavras e gestos, etc.

1. André Lapierre. *O adulto diante da criança de 0 a 3 anos*, São Paulo: Manole, 1987, página 46.



É preciso que os adultos que cuidam das crianças pequenas respondam positivamente às primeiras tentativas de linguagem dos bebês, encorajando-as constantemente – como faz qualquer bom pai ou mãe – e deixando que as crianças assumam papéis cada vez mais ativos nos jogos e “conversas” com elas.

Esse processo de desenvolvimento da capacidade de usar a própria voz vai acontecer “naturalmente” se o ambiente for rico em modelos e parceiros de diálogo. Assim, cada criança poderá desenvolver sua competência no uso da linguagem, que passará a ocupar uma posição cada vez mais importante no pensamento e na formação da consciência de cada uma, à medida que comece a ser usada como instrumento de comunicação, de conhecimento, de criação e de auto-orientação.



A voz, o principal personagem da arte de contar histórias

A **voz** é o principal instrumento que nós temos para contar uma boa história. Conhecendo bem uma história antes de contá-la para as crianças, e usando a voz para transmitir as emoções do texto, você poderá fazer com que suas crianças mergulhem em um mundo fascinante. Um exemplo:

- Se você conta uma história em que um elefante aparece falando, sua voz irá refletir o peso do elefante; se aparecer um passarinho, é claro que a sua voz será diferente...

Existem centenas de técnicas sugeridas para conduzir e para diversificar as atividades de contar histórias.

Dentre os livros citados na bibliografia, o de Abramovich, rico em sugestões práticas, revelou-se especialmente útil no trabalho de qualificação de educadoras, ajudando-as a tornarem-se mais criativas em suas atividades de contar histórias.



No século XXI: Pesquisas na Internet também permitem encontrar um grande número de espaços virtuais com dicas para contar histórias e, também, pesquisar gravações em áudio e vídeo de bons contadores e contadoras de histórias.

Aliás, um número cada vez maior de centros de educação, até mesmo em nossas redes públicas, já possui condições para criar situações em que um bom vídeo (que pode ter sido pesquisado no *youtube*) de contação de história é mostrado para um conjunto de crianças.



A mesma história, centenas de vezes...

É importante ter muitas histórias para contar. Porém, muitas vezes, as crianças nos pedem incessantemente para contar a mesma história. Quando isso acontecer, não há problema em repetir uma história tantas vezes quanto elas quiserem. Como diz um autor da escola soviética, ligado a Vigotski:

Para as crianças em idade pré-escolar ouvir uma história é um jogo de pensamento. Por isso, gostam de ouvir e de repetir as mesmas histórias uma quantidade de vezes, e agrada-lhes que nos tradicionais contos infantis se faça um grande uso da repetição. A forma da atividade interna muda com a idade da criança e o seu nível de desenvolvimento; mas de uma forma ou outra continua a ser o espírito vivo da percepção artística.²

Por isso, se as crianças pedirem, você pode contar a mesma história muitas vezes. Além disso, muitas brincadeiras podem ser feitas com as histórias que as crianças já conhecem muito bem e com seus personagens, o que inclui dramatizações teatrais e com fantoches, desenhos, brincadeiras de contar de novo, inventar novas histórias com os personagens, etc.

Nessa proposta também falamos sobre essas ideias, que fazem um sucesso incrível, na Discussão 16.



Um ritual de abertura

Uma boa sugestão é criar alguma espécie de “ritual” que abre o momento de contar uma história. Isso pode ser feito, por exemplo, usando uma rminha como:

- *Era uma vez, um gato xadrez, ele me contou uma história, e eu vou contar pra vocês!*

Isso permite que as crianças se preparem melhor para ouvir uma história.

Algumas educadoras gostam de criar uma rotina do tipo “hora da história”, enquanto outras pessoas

2. Boris M. Teplov. “Aspectos psicológicos da educação artística”, em: Luria et ali. *Psicologia e pedagogia II*. Lisboa: Stampa, 1991, página 133.



trabalham de forma mais solta, "encaixando" as histórias ao longo do dia a dia com as crianças, quando essas parecem se cansar de outras atividades.

Cada lugar, cada pessoa tem seus modos próprios de organizar as coisas, o importante é sempre lembrar que as crianças que ouvem muitas histórias, desde pequenas, levam uma grande vantagem em relação às outras crianças.



É muito importante lembrar algo que aprendemos em mais de 10 anos de interações com creches públicas e comunitárias que trabalhavam em condições de extrema precariedade material e financeira:

Mesmo nos lugares mais humildes, onde não existe sequer um livro infantil, ainda existe um recurso espetacular para os adultos que trabalham com crianças de qualquer idade: **contar boas histórias**.

Lembrando de grandes contadoras de histórias que encontramos nessas creches, as memórias são de salas quase mágicas, com crianças fascinadas, e que se engajavam alegremente em atividades de desenhar, dramatizar, recontar, rabiscar as histórias.

Mesmo que muitas dessas grandes educadoras leigas tivessem apenas poucos anos de escolaridade – algumas delas eram não alfabetizadas – o seu trabalho com a contação de histórias era de tremendo valor educativo, até mesmo para o processo de ensino da linguagem escrita.

É fácil concluir que uma sala em que as educadoras contam histórias, ou outras pessoas vêm contar histórias de vez em quando, torna-se um lugar muito mais interessante e útil ao desenvolvimento das crianças.



O cantinho da literatura, uma ideia clássica

Uma sugestão que hoje já faz parte de qualquer proposta para a pré-escola é a de que toda sala, mesmo com crianças muito pequenas, tenha o seu **cantinho da literatura**, e que os livros comecem a fazer parte do dia a dia das crianças.

Nesse espaço, existem livros infantis e histórias contadas e/ou escritas pelas crianças.

É importante que você procure tornar esse "lugar dos livros" importante e divertido, na rotina de sua sala. Uma sugestão que sempre faz um grande sucesso, principalmente na faixa dos três aos seis anos, é a de **fazer um "boneco" para "tomar conta" dos livros**. Ele pode ser confeccionado facilmente, usando uma meia feminina, recheada com bolas de jornal.

Um boneco desses pode animar a sala, e a ideia é que ele seja o "dono" dos livros. As crianças podem escolher um nome para ele (exemplo real, de 1994: "Romário dos Livros") fazer sua "carteira de identidade", e sempre pedir para ele permissão para tirar livros.

Essa é uma ideia simples – sugerida por educadoras da escola Anjo da Guarda, em Curitiba – que trouxe resultados surpreendentes, principalmente com crianças muito tímidas. Muitas vezes, vimos crianças tímidas que não gostavam de ler passarem horas brincando de ler para o boneco dos livros, "brincadeira" fundamental para o desenvolvimento dessas crianças.

Você pode incentivar crianças a lerem histórias umas para as outras ou para o boneco que toma conta dos livros, criando, assim, chances para a realização de atividades divertidas e imensamente educativas.



Muitas das discussões desse livro já falaram sobre como experiências que foram interessantes para as crianças podem motivar muitas atividades altamente educativas. Com os livros infantis não é diferente:

As histórias e os livros de que as crianças mais gostam podem motivar uma série de outras atividades, em que crianças vão desenhar, escrever, reinventar a história, dramatizá-la, etc.

Assim, por exemplo, as crianças podem ficar empolgadas pela ideia de pesquisar, criar e usar máscaras para encenar uma história em que bichos falam.



Livro infantil, o mais especial dos brinquedos

Atualmente, o mercado editorial brasileiro oferece uma grande quantidade de livros infantis, desde os livros de plástico (que podem ser usados até na hora do banho) e os livros apenas com figuras, até os clássicos como os contos de fadas ou grandes autores brasileiros. Qualquer consulta a uma pessoa bem informada, em uma livraria ou biblioteca, ou até na Internet, pode ser útil para indicar livros adequados à idade de suas crianças.



Com as crianças mais novas, são as educadoras que contam e lêem as histórias para elas. Nesses momentos, é importante já conhecer bem o livro que vai ser mostrado às crianças, para evitar tropeços e, principalmente, para tornar a leitura interessante.

Para ouvir uma história, as crianças podem estar sentadas em círculo, perto de você. Ao ler, você pode mostrar o lugar onde está o texto, acompanhando a leitura com o dedo. Crianças que ouvem histórias lidas em livros que elas podem folhear, logo começam a "brincar de ler" e terão um grande desenvolvimento em seu vocabulário, imaginação e na aprendizagem da escrita.



Uma sugestão importante e extremamente útil é a de **incentivar as leituras de "faz de conta" e as brincadeiras de ler**. Depois de anos e anos vendo crianças de menos de seis anos brincando com livros, temos convicção de que é quase impossível termos crianças "analfabetas" em qualquer sala que consiga criar um "cantinho da literatura" dinâmico, com bons livros e atividades em que as crianças ouvem e começam a "ler" as histórias que outros ou elas mesmas inventaram.



A realização de projetos de literatura infantil facilita imensamente a formação de crianças que sabem não apenas ler e escrever, mas que gostam dos livros e aprendem, de pequeninos, que eles podem ser uma fonte de prazer, aventura e conhecimento.



Quanto mais velhas as crianças, mais profundo e criativo poderá se tornar o trabalho a partir dos livros (o que vale até para crianças de 10 anos ou bem mais). Mas até mesmo as crianças menores já podem começar a tomar contato com o mundo dos livros, ouvindo sempre histórias, brincando com livros especiais para a sua idade, vendo adultos lendo e escrevendo na sua frente.



Poesia para crianças

Assim como gostam de histórias, crianças podem gostar de poesia, desde que tenham chances de entrar em contato com ela. Nossa experiência no *Projeto Araucária* deixou claro que mesmo crianças de três ou quatro anos já podem gostar de poesias infantis e até tentar produzir suas próprias rimas.

O mercado oferece bons livros de poesias para crianças e, se você nunca experimentou ler poesias para elas, ficará surpresa com os efeitos. Aqui estão duas poesias que fazem muito sucesso entre as crianças e que você pode experimentar com elas:

Lua cheia

*Ontem teve festa no céu.
Tinha brigadeiro,
pé de moleque
doce de leite,
e pão de queijo!
Essa
Lua tão redonda
brilha feliz.
A pança cheia,
comeu como quis!*

(Wania Amarante)

A fada Dondoca

*A fada Dondoca
Adora goiaba
só come no escuro,
goiaba madura...*

*– Tenho medo, tenho nojo
de ver bicho de goiaba.
Prefiro comer de noite,
assim não enxergo nada!*

(Sylvia Orthof)



As crianças, quando começam a prestar atenção nas poesias, se surpreendem com as rimas, e não é muito difícil incentivá-las a tentar **inventar suas próprias rimas**. Veja algumas formas para conseguir isso:

- **Rimas com os nomes:** Uma atividade que faz sucesso é a de inventar rimas para os nomes das crianças, rimas elementares e primárias geralmente, como: "Ana banana", ou "Marcelo cara de marmelo". Mas esse não deixa de ser um primeiro passo para fazer rimas, e as melhores podem até fazer parte do "cantinho de literatura" da sala.
- **Mostrar belas rimas:** Outra boa maneira de estimular as crianças é mostrando exemplos de boas rimas. Você pode ler uma frase poética como: "*Quando venta, parece que o céu chega mais perto...*",



ou qualquer outra, e perguntar se alguém quer fazer frases “do mesmo tipo”.

• **Sugerir os começos:** Outra boa ideia é a de sugerir um começo para poesias. Por exemplo, você pode sugerir que cada criança complete uma frase que começa sempre com “*Eu queria que...*”, ou “*Eu gosto quando...*”.

Nessa atividade, cada criança da sala ou de um grupinho completa a frase e, depois, você pode montar uma espécie de “poesia”, mesmo sem muitas rimas, a partir das frases das crianças.

Esses são apenas exemplos simples do grande papel que a poesia pode ter para as crianças. É claro que nenhuma criança deve ser forçada a produzir uma rima, se não estiver com vontade de participar da atividade. Forçá-la pode acabar tendo como resultado fazer com que ela fique com raiva de poesia. Aos poucos, com alguns “empurrõezinhos” seus e vendo outras crianças fazendo rimas, todas as crianças se interessam em criar rimas e brincar com as palavras, o que será muito importante para seu desenvolvimento e para o domínio da linguagem.



Ouvindo as histórias das crianças

Na Discussão 6 e na 10 já falamos sobre como é importante criar espaços para que as **crianças contem suas próprias histórias**, deixar que elas falem sobre seu dia a dia e sobre suas fantasias. Os livros infantis favoritos das crianças também podem servir de motivação para a invenção de novas histórias.

Assim, além de trazer livros infantis de boa qualidade para a sala, você pode criar rotinas incrivelmente educativas aproveitando as histórias contadas por outras pessoas e as histórias inventadas – ou recontadas – pelas próprias crianças.

Como já foi dito na Discussão 6, você pode sugerir temas ou “começos” para as histórias que as crianças forem inventar. Isso pode ser útil porque, muitas vezes, as crianças não estão acostumadas com esse tipo de brincadeira, e podem precisar de um “empurrãozinho”. Veja um exemplo de começo de história que você pode sugerir:

“Na cidadezinha, todos tremiam de medo, quando escureceu na noite sem luar...”

Muitas outras ideias para incentivar a criatividade das crianças podem ser dadas, do tipo:

“Era uma vez um lobo muito bom...”

É claro que você pode dar milhões de outras sugestões para começos de histórias, e até deixar que as crianças inventem um começo. Sobre esse tipo de atividades, nós sugerimos uma consulta à Discussão 16, aqui mesmo, e ao genial livro *A gramática da fantasia*, do italiano Gianni Rodari (1920–1980), um dos livros mais importantes em nosso trabalho com literatura, poesia e criatividade infantis.



Ao falarmos sobre os passeios, na Discussão 7, já demos um exemplo de como pode ser feito um “livro”, usando papel bobina e barbante. Outras técnicas para fabricar livros existem, o importante é que, pelo menos de vez em quando, **as histórias preferidas das crianças sejam transformadas em livros**, que poderão ir para a biblioteca do “cantinho da literatura”, ou, como foi sugerido na Discussão 11, até serem trocados com crianças de outros locais, “vendidos” para os pais, etc.

Todas as ideias sobre a linguagem escrita vistas na Discussão 6 se tornam ainda mais interessantes quando há um bom “cantinho de leitura” na sala. Esse espaço pode estar sempre sendo renovado com histórias e poesias feitas ou reinventadas pelas próprias crianças.



Entre as obras citadas na bibliografia, você poderá encontrar uma defesa muito forte, prática e coerente da “alfabetização precoce” no livro de Cohen e Gilabert, que foi bastante aproveitado para fazer a Discussão 6. O livro de Held fala sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento da imaginação e sobre a importância do “fantástico” e da poesia para as crianças, assuntos também discutidos no livro clássico de Bettelheim, *A psicanálise dos contos de fadas*.

A cada ano a literatura infantil é mais aproveitada no trabalho de “alfabetização” e temos cada vez mais livros e endereços virtuais que falam sobre o assunto e podem nos dar novas ideias para experimentar em nossas classes.





Resumindo

Introduzir na sala inúmeras atividades de ouvir e de contar histórias, e rotinas ligadas aos livros – tanto os de literatura infantil quanto os produzidos pelas crianças, é um caminho eficiente para alcançarmos resultados de aprendizagens surpreendentes e profundos, aumentando as chances de nossas crianças na escola e fora dela.

O aproveitamento da literatura infantil facilita a realização não apenas do objetivo de ensinar as crianças a ler, mas também de dar as chances para que gostem de ler e tenham sempre vontade de ler mais. Assim, elas estarão muito melhor preparadas para, mais tarde, buscar conhecimento e prazer nos livros impressos e, cada vez mais, nos livros e textos digitalizados.

